MeP *Mediação* e Participação

Artivismo, sociedade e política

Secundário e Profissional

Museu de Arte Contemporânea Armando Martins

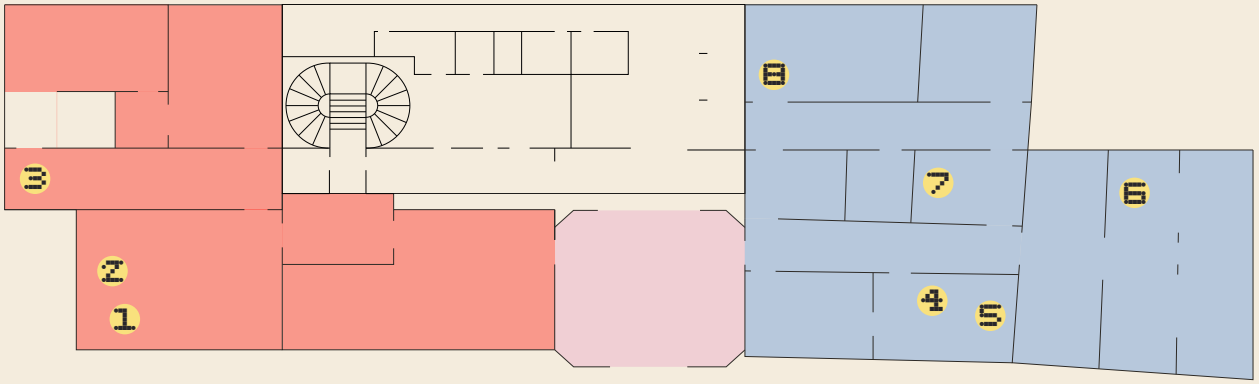
Recursos Pegadógicos | 2026/27

Artivismo, sociedade e política

Em cada época, há quem decida o que pode ser dito e por quem. A arte tem sido, muitas vezes, um dos lugares onde essa palavra se disputa: o protesto, a denúncia, a memória de quem ficou à margem, o retrato como afirmação. Entre obras que resistiram, incomodaram e deram visibilidade ao invisível, esta visita propõe pensar a relação entre arte e democracia, e o papel que cada um desempenha na sua construção.

Ideias-chave: ciclos democráticos | direitos humanos | pluralismo e diversidade cultural | arte moderna e contemporânea | literacia política | cidadania.

Obras em foco



1



O álbum (1885), Silva Porto

2



A Sesta dos Ceifeiros (1895), José Malhoa

3



Maio de 68 (1968), Maria Helena Vieira da Silva

4



Lona suspendida de la fachada de un edificio (2002), Santiago Sierra

5



Bernauer Straße (2006), Sabine Hornig

6



Untitled (lion-king) e Untitled (two stones), da «Red Series (Military)» (2000 - 2003), Rosângela Rennó

7



Wildfire (Meditation on Fire) (2019-2020), David Claerbout

8



Fight the power (2017), Eugenio Merino



O álbum (1885), Silva Porto

Sobre o artista: António Carvalho da Silva Porto (Porto, 1850 – Lisboa, 1893) foi um dos principais precursores do Naturalismo em Portugal. Formou-se na Academia Portuense de Belas Artes e, em 1873, ganhou uma bolsa de estudo para Paris, onde frequentou a Escola de Belas Artes e conviveu de perto com a Escola de Barbizon. Regressado a Portugal em 1879, tornou-se professor de pintura de paisagem na Academia de Belas Artes de Lisboa e uma figura central do Grupo do Leão, círculo de artistas e escritores reunidos na Cervejaria Leão d'Ouro. É conhecido sobretudo pelas suas paisagens rurais, atentas à luz natural. Morreu aos 42 anos, poucas semanas depois do nascimento da sua filha Maria Irene.

Sobre a obra: Representa Adelaide Torres Pereira, mulher do artista, e Maria Augusta Bordalo Pinheiro, irmã de Columbano e de Rafael Bordalo Pinheiro, num interior burguês, a observar um álbum. É um exemplo do lado mais íntimo da pintura de Silva Porto, habitualmente mais conhecido pelas suas paisagens ao ar livre; o tema, aparentemente doméstico e sereno, permite discutir o acesso desigual à cultura, ao tempo livre e à fotografia no Portugal do final do século XIX.

Direções de trabalho: A obra permite explorar a relação entre classe e acesso à cultura no Portugal oitocentista, questionando quem tinha tempo, educação e recursos para práticas como a fotografia ou a leitura. Pode também servir de ponto de partida para refletir sobre os nossos próprios álbuns, físicos ou digitais, e sobre o que escolhemos guardar e mostrar de nós próprios.



A Sesta dos Ceifeiros (1895), José Malhoa

Sobre a artista: José Vital Branco Malhoa (Caldas da Rainha, 1855 – Figueiró dos Vinhos, 1933) mudou-se para Lisboa aos 8 anos e entrou na Real Academia de Belas-Artes aos 12, onde foi aluno de Tomás da Anunciação e Miguel Ângelo Lupi. Depois de ver os seus dois concursos para uma bolsa de estudo no estrangeiro anulados, desistiu da pintura durante três anos e trabalhou como caixeiro na loja do irmão; voltou a pintar por gosto, e um quadro exposto em Madrid, em 1881, relançou a sua carreira. Tal como Silva Porto, integrou o Grupo do Leão, círculo de artistas reunido na Cervejaria Leão d'Ouro, e tornou-se, junto com Columbano Bordalo Pinheiro, um dos principais nomes do Naturalismo português, conhecido pela pintura de costumes populares e cenas rurais.

Sobre a obra: Representa um grupo de trabalhadores rurais a descansar, à sombra, durante a ceifa, num dia de calor. É uma das obras mais conhecidas de Malhoa e um exemplo do seu interesse pelos costumes populares portugueses; a leitura do quadro divide-se entre quem sublinha a ternura e a dignidade dos gestos retratados, e quem sublinha o retrato implícito das duras condições de trabalho rural no século XIX.

Direções de trabalho: A obra permite discutir o valor do trabalho manual e agrícola, na altura e nos dias de hoje, e a forma como a pintura pode, em simultâneo, humanizar e denunciar uma realidade dura: a de pessoas que, sem acesso à fotografia, não chegariam de outro modo à posteridade. Pode ligar-se ainda à obra de Silva Porto, pintada dez anos antes, para comparar quem tinha, e quem não tinha, tempo livre no Portugal do final do século XIX.



Maio de 68 (1968), Maria Helena Vieira da Silva

Sobre a artista: Maria Helena Vieira da Silva (Lisboa, 1908 – Paris, 1992) viveu a maior parte da vida fora de Portugal. Casou em 1930 com o pintor húngaro Árpád Szenes e perdeu, por essa via, a nacionalidade portuguesa; como o marido ficou também apátrida após a queda do Império Austro-Húngaro, o casal viveu sem nacionalidade durante décadas, até obter a nacionalidade francesa em 1956. Instalada em Paris, tornou-se uma das pintoras mais reconhecidas do seu tempo, com uma linguagem abstrata e labiríntica. Em 1975, a pedido da amiga Sophia de Mello Breyner Andresen, desenhou dois cartazes para celebrar o primeiro aniversário do 25 de Abril: um abstrato, outro figurativo, hoje entre as imagens mais conhecidas da Revolução.

Sobre a obra: Pintura abstrata de 1968, inspirada nos acontecimentos de Maio de 68 em Paris. Sem figuras reconhecíveis, sugere o caos e a instabilidade do momento através de manchas densas na parte inferior da composição, e uma luz mais clara na zona superior, associada a uma sensação de esperança. O rio Sena atravessa a tela como um eixo silencioso.

Direções de trabalho: A obra permite discutir a relação entre arte abstrata e acontecimento histórico concreto: como comunicar uma crise ou uma conquista política sem recorrer a imagens diretas? Sete anos depois de pintar Maio de 68, a própria Vieira da Silva enfrentou esta pergunta na prática. Ao terminar o primeiro cartaz para o 25 de Abril, tão abstrato quanto os seus quadros, recordou mais tarde ter pensado: “ninguém compreende o que eu fiz, vou fazer outro.” Fez um segundo, mais figurativo, e Sophia levou os dois.



Lona suspendida de la fachada de un edificio (2002), Santiago Sierra

Sobre a artista: Santiago Sierra (Madrid, 1966) licenciou-se em Belas Artes pela Universidade Complutense de Madrid e completou a formação em Hamburgo; desde 1995 desenvolveu grande parte da carreira no México. Trabalha sobretudo através da performance e da instalação, usando a fotografia e o vídeo como registo documental das suas ações. O centro do seu trabalho é o trabalho remunerado enquanto peça essencial do sistema capitalista: em várias obras, contrata pessoas em situação precária para executarem tarefas repetitivas ou inúteis, tornando visíveis a exploração laboral, as desigualdades económicas e a discriminação racial. As suas obras geram frequentemente polémica, algo que se tornou, ele próprio, parte do trabalho.

Sobre a obra: Fotografia que documenta uma intervenção realizada durante o V Festival de Performance de Cali, na Colômbia, em junho de 2002: uma bandeira dos Estados Unidos de enormes dimensões, suspensa sobre a fachada do Museo La Tertulia. Estava prevista para permanecer os seis dias do festival, mas ao quinto dia alguém lhe ateou fogo, e teve de ser removida para proteger o edifício. A reação do público tornou-se, assim, parte da própria obra.

Direções de trabalho: A obra permite discutir relações de poder entre países, a influência política e económica, e a ideia de domínio cultural, a partir da pergunta de quem tem o poder de ocupar o espaço público e definir aquilo que vemos. Permite também refletir sobre os limites e a força do símbolo: o que significa uma bandeira fora do seu território, e o que acontece quando uma obra provoca uma reação física e concreta.



Bernauer Straße (2006), Sabine Hornig

Sobre a artista: Sabine Hornig (Pforzheim, Alemanha, 1964) vive e trabalha em Berlim. Estudou escultura e fotografia na Hochschule der Künste, em Berlim, onde concluiu o mestrado em 1992. Trabalha entre a fotografia, a escultura e a instalação, explorando o espaço, a perspetiva e a memória a partir de elementos comuns da cidade moderna: montras, fachadas envidraçadas, entradas de edifícios. Nas suas imagens, o vidro funciona ao mesmo tempo como janela e como espelho, tornando ambígua a fronteira entre o que está dentro e o que está fora.

Sobre a obra: Díptico fotográfico de 2006, que regista, através de uma montra, o interior de um estaleiro de obras. É um lugar ambíguo, entre a construção e a ruína. Sobre esta cena sobrepõe-se o reflexo do inverno no bairro de Mitte, com edifícios de habitação e um parque de árvores despidas, coberto de neve, sob a luz baixa de um dia frio. No reflexo do painel esquerdo reconhece-se a arquitetura da antiga Alemanha Oriental; no direito, construção mais recente. O título remete para a Bernauer Straße, rua ao longo da qual passou o Muro de Berlim, erguido em 1961, e que ficou célebre pelos fugitivos que saltavam das janelas dos prédios do lado leste para a rua, que ficava a oeste.

Direções de trabalho: A obra permite discutir a forma como a própria arquitetura de uma cidade denuncia a divisão de Berlim e de um país: aqui, a denúncia não vem de um gesto do artista, mas do lugar e do edificado que restam depois de a fronteira desaparecer. É no reflexo, e não no que está por detrás do vidro, que essa divisão se torna legível, com cada metade do díptico a devolver um lado diferente da história.



Untitled (lion-king) e Untitled (two stones), da «Red Series (Military)» (2000 - 2003), Rosângela Rennó

Sobre a artista: Rosângela Rennó (Belo Horizonte, 1962) vive e trabalha no Rio de Janeiro. Formou-se em arquitetura pela Universidade Federal de Minas Gerais, em 1986, e em artes plásticas pela Escola Guignard, no ano seguinte; doutorou-se em artes pela Universidade de São Paulo, em 1997. Praticamente todo o seu trabalho assenta na apropriação de imagens e textos alheios, sobretudo fotografias, negativos e fotogramas encontrados em feiras de antiguidades, jornais e arquivos oficiais. Foi uma das primeiras artistas brasileiras a levar a fotografia para além da imagem plana, explorando-a em instalações e objetos, numa reflexão continuada sobre a natureza da imagem, a memória e o arquivo.

Sobre a obra: Duas fotografias da Série Vermelha (Militares), resultantes do tratamento digital de retratos domésticos encontrados, em que homens surgem individualmente fardados, em poses austeras. As imagens foram saturadas de vermelho, anulando o branco e mantendo apenas o preto, até ao que a artista chama o "limite da visibilidade": as figuras revelam-se lentamente e de forma dependente do ângulo de incidência da luz.

Direções de trabalho: A obra permite discutir a relação entre memória e apagamento, e o que significa preservar alguém através do seu quase desaparecimento. O vermelho aproxima estes retratos do sangue e do luto, associando o uniforme à violência da guerra e dos confrontos militares, mas também à vaidade e ao poder. Permite ainda refletir sobre o esforço que uma imagem nos exige: ao contrário das fotografias de choque, esta obriga a uma observação lenta.



Wildfire (Meditation on Fire) (2019-2020), David Claerbout

Sobre a artista: David Claerbout (Kortrijk, Bélgica, 1969) vive e trabalha entre Antuérpia e Berlim. Formou-se em pintura e desenho e, mais tarde, passou a trabalhar com fotografia, vídeo, som e animação 3D. A sua obra explora os limites entre imagem parada e imagem em movimento, abordando temas como a passagem do tempo, a memória e as narrativas construídas, numa linguagem conceptual e sensível.

Sobre a obra: Vídeo de cerca de 24 minutos, de ritmo lento, narrativa circular e quase sem som, que alterna entre a serenidade de uma paisagem verdejante e o surgimento inesperado do fogo, criando uma experiência meditativa. Apesar da aparência hiper-realista, nada foi filmado: a floresta, o fogo e o fumo são inteiramente gerados por simulação digital. A obra partiu de uma investigação sobre a potência computacional necessária para simular um incêndio tão detalhado quanto um real, ao ponto de o próprio computador correr risco de sobreaquecimento. O espectador é colocado dentro do incêndio, numa situação que o instinto mandaria evitar, mas cujo ritmo convida à contemplação.

Direções de trabalho: Abre-se espaço para refletir sobre sustentabilidade, ecologia e responsabilidade ambiental, expondo a tensão entre natureza e tecnologia, e para questionar a nossa própria posição perante uma crise: o que significa contemplar, hipnotizados, uma catástrofe em vez de agir sobre ela? A obra permite ainda compreender o vídeo como uma forma de arte em constante transformação. Por fim, também permite discutir a autenticidade das imagens na era digital.



Fight the Power (2017), Eugenio Merino

Sobre a artista: Eugenio Merino (Madrid, 1975) começou por estudar economia e mudou-se para Belas Artes na Universidade Complutense de Madrid, ao fim do primeiro ano. Trabalha entre a escultura, a pintura, o desenho e a instalação, recorrendo à ironia e ao humor para expor realidades incómodas da sociedade contemporânea. O seu trabalho centra-se nos discursos do poder político e económico e nas violações dos direitos humanos, dos direitos civis ao racismo, e nos últimos anos tem-se dedicado sobretudo à memória histórica e aos vestígios que a ditadura franquista deixou em Espanha.

Sobre a obra: Uma escultura que reproduz um antebraço negro realista, em bronze patinado, com o punho cerrado a segurar uma peça de arame farpado dourado a 24 quilates. O punho direito erguido é um símbolo universal de revolução social, solidariedade e resistência a regimes autoritários; o arame farpado remete para a guerra, os campos de concentração e as prisões. O título ecoa a canção homónima dos Public Enemy, de 1989, que se tornou um hino da luta pelos direitos civis afro-americanos.

Direções de trabalho: A obra permite discutir a força e a circulação dos símbolos de protesto: de onde vêm, quem os pode usar, e o que acontece quando passam da rua para o museu. Permite ainda abordar o racismo e a luta pelos direitos civis, e a relação entre música e intervenção política, bem como a posição do próprio artista, para quem uma boa obra de arte não deve nascer da autocensura nem do desejo de agradar.

Propostas de atividade fora do museu

1. Criar dois cartazes, um abstrato e um figurativo, para uma causa ou celebração escolhida pela turma.

Atividade inspirada no processo real de Vieira da Silva: em 1975, a pedido de Sophia de Mello Breyner, desenhou um primeiro cartaz para o 25 de Abril, abstrato, temeu não ser compreendida, e fez um segundo, mais figurativo. Ambos foram publicados, em dez mil exemplares cada, com o produto da venda destinado a apoiar antigos combatentes feridos na guerra colonial.

Passo-a-passo: A turma escolhe, em conjunto ou em pequenos grupos, uma causa, um acontecimento ou uma data que queira assinalar. Cada grupo desenha dois cartazes sobre o mesmo tema: um usando apenas formas, cores e composição, sem imagens reconhecíveis; outro usando imagens e símbolos facilmente identificáveis. Os cartazes são afixados lado a lado, e a turma discute: qual comunica a mensagem mais rapidamente? Qual fica mais tempo na memória? Há públicos para quem um funciona melhor do que o outro?

2. Desenhar um símbolo para uma causa e testá-lo junto de quem não a conhece.

Atividade que trabalha a construção e a leitura de símbolos de protesto, a partir do punho erguido de Fight the Power.

Passo-a-passo: A turma começa por identificar, em conjunto, símbolos de protesto que já reconheça, discutindo a origem de cada um e quem os usa hoje. De seguida, em pequenos grupos, cada um escolhe uma causa que lhe seja próxima e desenha um símbolo novo para ela, sem texto nem palavras, apenas com formas. Os símbolos são depois mostrados a outro grupo, ou a outra turma, que tenta adivinhar a que causa se referem. Discute-se, no fim: o que torna um símbolo legível? É preciso já conhecer a luta para compreender o símbolo? E o que aconteceria a este símbolo se fosse usado por outras pessoas, noutro contexto?

Glossário

Apátrida - Pessoa sem nacionalidade legalmente reconhecida. Também pode referir-se, em sentido simbólico, a quem se sente "sem lugar" ou "fora" de uma pátria ou grupo.

Artivismo - Designa práticas artísticas com uma função deliberada de intervenção social ou política. O termo generalizou-se a partir da segunda metade do século XX.

Cidadania - Relação entre uma pessoa e o Estado a que pertence, que confere direitos e implica deveres. Distingue-se entre cidadania civil, política e social.

Democracia - Sistema político em que o poder deriva do povo, exercido diretamente ou por representantes eleitos, com eleições livres, separação de poderes e proteção de direitos fundamentais.

Estado Novo - Regime autoritário português, liderado por Salazar e depois por Marcelo Caetano, entre 1933 e 1974, caracterizado pela censura e pela repressão de opositores.

Estetização da Política / Politização da Arte - Par de conceitos de Walter Benjamin: o poder transforma símbolos, ou a própria guerra, em espetáculo para que nada mude (estetização); a arte responde ao usar as imagens para obrigar a pensar e agir (politização).

Partilha do Sensível - Conceito do filósofo Jacques Rancière: a forma como uma comunidade organiza o que pode ser visto, dito e ouvido, e por quem.

Bibliografia/Links úteis

"A poesia está na rua". (2024, abril 26). Biblioteca de Arte Gulbenkian. https://gulbenkian.pt/biblioteca-arte/read-watch-listen/a-poesia-esta-na-rua/

©autores, 2025, Seleção de obras da Coleção de arte Moderna e Contemporânea do MACAM, MACAM

Benjamin, W. (2008). *The Work of Art in the Age of Mechanical Reproduction*. Penguin.

(con)TEMPORARY SALE | Exhibition | Prometeo Gallery Ida Pisani. (2020). Prometeogallery.Com. https://www.prometeogallery.com/en/mostra/contemporary-sale

Eugenio Merino (2025, outubro 27). *Biografía de Eugenio Merino — Arte crítico y memoria*. Eugenio Merino. https://www.eugeniomerino.com/en/bio/

Fotógrafo lambe-lambe ou fotógrafo à la minuta. (2016). Sapo.Pt. https://portugaldeantigamente.blogs.sapo.pt/fotografo-lambe-lambe-ou-fotografo-a-la-2878

Jornalissimo. (2018, setembro 16). «Vilas operárias» na Lisboa do final do século XIX. Jornalissimo. https://jornalissimo.com/historia/vilas-operarias-na-lisboa-do-final-do-seculo-xix/

Paisagens vivas de Silva Porto - RTP Ensina. (2022, janeiro 2). RTP Ensina. https://ensina.rtp.pt/artigo/silva-porto/

Pires, S. L. (2026, março 2). *Tesouros esquecidos: "A sesta dos ceifeiros," de José Malhoa*. Mensagem de Lisboa; Mensagem. https://amensagem.pt/2026/03/02/tesouros-esquecidos-a-sesta-dos-ceifeiros-jose-malhoa/

Rádio Renascença. (2024, abril 22). *Mais dinheiro, mais saúde, mais educação. Os 50 anos de democracia em 19 gráficos* - Renascença. Rádio Renascença. https://rr.pt/especial/pais/2024/04/22/mais-dinheiro-mais-saude-mais-educacao-os-50-anos-de-democracia-em-19-graficos/375337/

Rafael Bordalo Pinheiro – Museu Bordalo Pinheiro. (2026). Museubordalopinheiro.Pt. https://museubordalopinheiro.pt/item/rafael-bordalo-pinheiro-3/

Rancière, J. (2010). *Estética e política - A partilha do sensível* (V. Brito, Trad.). Dafne Editora

Silva Porto, retratos de Adelaide. (2026, setembro 18). Blogspot.Com. http://lisboa-e-o-tejo.blogspot.com/2024/07/silva-porto-retratos-de-adelaide.html

Sontag, S. (2015), *Olhando o Sofrimento dos Outros*. Quetzal Editores

Vila Dias - PMA. (2025, agosto 20). PMA. https://pardalmonteiro.com/portfolio_page/vila-dias/

Equipa MeP / Ficha Técnica

Coord. Programação Mediação e Participação (MeP) / Coord. Editorial
Adriana Pardal

Assessoria e Produção MeP
Sara Serras Simões

Mediadores / Textos
Gabriela Moura
Lara Vicente
Maria Monteiro
Matilde Rente
Rodrigo Rodrigues
Sara Coelho

Design Gráfico
Rodrigo Rodrigues

Museu
de Arte
Contemporânea
Armando Martins

Rua da Junqueira, 66
1300-343 Lisboa
10h — 19h
Encerra à 3ª feira

www.macam.pt

T: +351 218 727 400

4 EDUCAÇÃO DE QUALIDADE

10 REDUZIR AS DESIGUALDADES